

HOMENS: GÊNERO E IDENTIDADE EM GRUPOS TRADICIONAIS,
METROSSEXUAIS E HOMOSSEXUAIS NO BRASIL¹

Mariana Bonomo²
Paola Vargas Barbosa³
Zeidi Araujo Trindade⁴

Abstract

Considering the diversity of the experiences and conceptions concerning the masculinity, it is placed the question: How men of different identities belonging understand its masculinities in the middle of the multiplicities of what it is to be man? The objective of this study is to investigate the identity processes entailed to the field of masculinity, on its experiences and meanings. Participated on this study 15 men: 5 traditional ones, 5 metrosexual and 5 homosexuals. We worked with individual interviews. Software ALCESTE and the technique of Analysis of Content, were used in the data analysis. The main results were the contradiction between the hegemonic masculinity and the diverse masculinities experienced by the interview man. Also was found the presence of the feminine as all men out-group.

Keywords: *Masculinities. Identity. Heterosexual. Metrosexual. Homosexual.*

INTRODUÇÃO

A construção do ideal de masculinidade moderna tem sua gênese nos valores medievais, construídos em resposta a uma necessidade crescente de organização das relações sociais, proveniente de um processo civilizador em curso naquele período histórico.

Para o nobre, o ideal de masculinidade estava ligado ao comportamento que mantivesse compromisso com alguns valores cruciais, tais como lealdade, probidade, correção, coragem, bravura, sobriedade e perseverança. Todos eles se conservarão integrando o ideal moderno correspondente, mas alguns serão transformados, adequando-se aos preceitos da sociedade burguesa. Certas características comportamentais como coragem e bravura, por exemplo, serão progressivamente destituídas de seu caráter de violência explícita (excluindo-se, é claro, os períodos de guerra entre os novos Estados nacionais), ao mesmo tempo em que se formatarão a partir de firmes contornos estipulados por imperativos morais essenciais (Oliveira, 2004, p. 22-23).

¹ Trabajo recibido el 12/06/08 y aceptado el 2/07/08

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.

³ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.

⁴ Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.

Instaurado o ideal de masculinidade, este tornou-se um verdadeiro lugar-comum da cultura moderna, assumido pelos diferentes segmentos políticos, científicos e pedagógicos.

O ideal de masculinidade foi invocado por todas as partes como um símbolo de regeneração pessoal e nacional, e também como básico para a auto-definição da sociedade moderna. Supunha-se que a masculinidade fosse necessária para salvaguardar a ordem existente contra os perigos da modernidade, mas ela também foi encarada como um atributo indispensável daqueles que queriam mudanças (Mosse, 1996, p. 03).

Este conceito, que passou a estruturar a sociedade e permitiu à classe burguesa ascender através da solidificação da organização social que lhe interessava, se difundiu de forma transversal (dos nobres aos camponeses), ganhando o corpo social em todas as esferas da sociedade. O homem assume o comando formal, independente do segmento social a que pertence (Mosse, 1996; Saffioti, 1987). A masculinidade torna-se uma verdadeira ideologia que naturaliza e justifica a sua própria dominação, formando e mantendo a construção das identidades dos indivíduos, bem como sua dinâmica de relação, acentuadas na diferença fundamental entre homens e mulheres, o que ratifica a heterossexualidade como normal e a vincula como elemento basilar no domínio ideológico masculino (Whitehead, 2002).

O estereótipo masculino, que só teve sentido a partir de determinada época, contribui para a complexificação da sociedade, onde as relações se tornaram de tal forma múltiplas e diferenciadas que não sabemos quem é o outro. A função do estereótipo, por tanto, é facilitar a compreensão do outro, a fim de identificá-lo e, por conseguinte, identificar a si próprio em meio ao corpo social no qual estamos inseridos (Deschamps, Mugny, 1980; Tajfel, 1982a, 1982b, 1983; Turner, 1984). Contudo, a questão que se coloca é que as minorias, os grupos que não se enquadram no modelo hegemonicamente legitimado, ganham um sentido negativo. Um exemplo expressivo e que sinaliza o sentido moral no qual essa masculinidade moderna atua, através dos valores morais amplamente difundidos no imaginário social, é o preconceito contra a homossexualidade. Carrigan, Connell e Lee (1987) problematizam essa estrutura ideológica, nos assinalando a importância de investigarmos as práticas por meio das quais essa hegemonia é construída, mas principalmente, contestada.

A famosa frase de Simone de Beauvoir (1949) "Não se nasce mulher: torna-se mulher", que serviu para referenciar a importância de pensarmos os papéis de gênero a partir de sua construção sócio-histórica, indiscutivelmente também se aplica a construção do masculino no homem, "não se nasce homem: torna-se homem". Os processos de socialização assumem a função formadora na educação dos meninos e meninas para que se tornem homens e mulheres, adultos e adultas, segundo o que é ser homem e ser mulher em nossa sociedade ocidental (Welzer-lang, 2001). A ideologia do "homem de verdade" é nutrida no imaginário social, pelas instituições e saberes que reúnem esforços, criam crenças e as disseminam como verdade equivalente de uma única realidade possível: "ser homem" é ser heterossexual, provedor, pai de família (Astúrias, 1997; Welzer-lang, 2001). É desta forma que esse patrimônio ideológico é oferecido ao dinâmico contexto de construção das identidades através de processos de socialização.

E se as escolhas desses homens não se pautarem nas opções *a priori* determinadas, ou ainda, se os arranjos do seu contexto não lhes possibilitam assumir o papel masculino tradicionalmente estabelecido? Se o homem prefere ser dançarino (Oliveira et al, 2005), por exemplo, ou se ele apanha da mulher (Alvim & Souza, 2005), ou mesmo, se ele não é o provedor da família, mas sustentado pela esposa (Nascimento, 2000)?

Considerando a diversidade de expressões do masculino percebe-se que vem aumentando a participação dos homens no mundo da moda, apesar da força do modelo tradicional de masculinidade que associa essa nova imagem a estereótipos concebidos socialmente como negativos. Como nos esclarece Trindade e Nascimento (2004),

Confirmando a dinâmica das representações e práticas sociais, bem como a necessidade de situar contextos para melhor compreendê-las, surge a figura do metrosssexual, termo cunhado pelo jornalista americano Mark Simpson (metrosssexual) em 1994, como contração das palavras metropolitano e heterossexual, para designar homens urbanos que cultuam a imagem e consomem moda, jóias e cosméticos (p. 148-149).

Os estudos revelam o preconceito sofrido pelos homens que, por escolha ou impossibilidade, não vivenciam a identidade masculina prescrita. Esse desajustamento entre a vivência masculina dos homens e o modelo hegemônico anuncia a chamada “crise da masculinidade” (Carabí, 2000; Toneli & Adrião, 2005), uma vez que a masculinidade, como definida por Hernandez (1998) e Jimenez (1998), pode ser entendida como o sentimento de pertença em relação à categoria masculina. Desta forma, a dinâmica entre as práticas masculinas e o modelo referenciador está sofrendo mudanças. Como as identidades são assumidas a partir do conflito estabelecido entre os grupos que sentimos pertencer e os grupos que não pertencemos (Tajfel, 1982; 1983), e considerando a histórica construção de um referencial de ser homem amplamente reforçado pela esfera familiar, escolar, médica, o contraste entre o efetivamente vivido e o ideologicamente representado gera as ambigüidades expressas nas práticas e concepções do universo masculino na atualidade. Como nos esclarece Connel (1995):

A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de masculinidades (Connel, 1995, p. 188).

Os processos identitários, conforme focalizados por teóricos que trabalham nessa perspectiva (Doise, Deschamps, Mugny, 1980; Tajfel, 1982, 1983; Turner, 1984), nos possibilitam a investigação dessa dinâmica, paradoxal e mutante, de constituição das identidades masculinas na atualidade. Para a Teoria das Identidades Sociais de Tajfel (1982; 1983) os processos de categorização social e comparação social são fundamentais para a compreensão da construção da identidade. O processo de categorização se constitui em meio à capacidade cognitiva de apreender os elementos disponíveis nos diversos contextos, funcionando como um princípio ordenador da realidade, o qual permite a definição das fronteiras entre o que seria o “dentro” ou *in-group* e o “fora” ou *out-group*, seria o coração cognitivo do processo identitário (Hogg et al, p. 253, 2004). Para Tajfel (1983), a categorização social é o processo por meio do qual “[...] se reúnem os objectos

ou acontecimentos sociais em grupos, que são equivalentes no que diz respeito às ações, intenções e sistemas de crenças do indivíduo” (p.290). Este processo, que só é possível através da comparação social por meio do confronto entre o “próprio grupo” e o “grupo de relação”, compõe o mecanismo elementar para a construção da identidade.

Como a masculinidade tem sido tratada em negativo, segundo Carabí (2000), como aquela que não é, “no es femenina, no es étnica, no es homossexual” (p. 19), pois ao ter tais atributos estaria associada às categorias de inferioridade; logo, a sociedade acabou forjando dimensões sociais sexistas, racistas e homofóbicas em sua organização. Toneli e Adrião (2005) discutem que “a busca de afirmação de uma sexualidade que se distancie de elementos ditos femininos é marcadamente central na constituição das masculinidades” (p. 100).

Neste sentido, a construção da própria masculinidade necessita de uma certa desvalorização da masculinidade dos outros, buscando vinculá-la à feminilidade. A ameaça, portanto, não é a mulher, mas o feminino no homem. A auto-imagem positiva é assegurada através da produção dos estereótipos de homens e de não-homens, alicerçados no referencial ideológico do poder e da virilidade. Como sugere Kimmel (1998),

la principal forma en la cual los hombres intentaban demostrar que habían tenido éxito en lograr la masculinidad era mediante la problematización de otras formas de masculinidad, el posicionamiento de lo hegemónico contra lo subalterno, la creación del otro (p. 215).

Considerando a diversidade das vivências e concepções acerca da masculinidade, pluralizada no encontro entre as chamadas “masculinidade hegemônica” e as “masculinidades”, buscamos investigar os processos identitários vinculados ao campo das masculinidades em suas práticas e significados através da Teoria das Identidades Sociais.

MÉTODO

Participantes

Tendo em vista as diversas masculinidades, buscamos entrevistar grupos empíricos nos quais pudéssemos encontrar a expressão de tal multiplicidade. Desta forma, participaram deste estudo 15 homens, sendo 5 identificados como homens tradicionais, 5 como homens metrosssexuais e 5 como homens homossexuais. O número de participantes justifica-se pelo volume de material coletado, que possibilitou a construção de um *corpus* de dados com bom índice de aproveitamento.

Utilizamos como critério de seleção dos participantes que o seu grupo de convivência os identificasse segundo as categorias anteriormente mencionadas. Nesse sentido, para o grupo tradicional, o critério foi que esses sujeitos expressavam, em seu discurso ou prática, preconceito em relação ao que fugia ao modelo hegemônico de masculinidade, enquanto para os metrosssexuais, o critério era justamente a vivência deste não enquadramento. Os homens homossexuais foram contatados através de uma rede de sujeitos conhecidos pelos pesquisadores.

Todos os entrevistados são residentes de áreas urbanas e de classe média do Estado do Espírito Santo/Brasil, com idades entre 24 e 40 anos, cujas características estão sendo demonstradas na Tabela 1. Utilizamos nomes fictícios para nos referirmos aos participantes. Os nomes iniciados com a letra

“T” referem-se ao grupo tradicional, os iniciados com a letra “M”, aos metrossexuais e os “H” aos homossexuais.

Ressaltamos que os entrevistados do grupo homossexual não são reconhecidos publicamente como tal (na família ou no ambiente de trabalho), circunscrevendo apenas ao grupo de amigos que partilham dessa dimensão identitária o conhecimento da sua homossexualidade.

[Inserir Tabela 1]

Procedimento de coleta dos dados e instrumento

Foram realizadas entrevistas individuais conforme a disponibilidade dos sujeitos, os quais foram contatados através da intermediação de um conhecido comum aos sujeitos participantes e às pesquisadoras. Conforme acordado com cada participante, as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para análise posterior do material obtido. As entrevistas foram orientadas por um roteiro semi-estruturado, contemplando questões acerca das identificações e diferenciações sociais referentes aos modelos de masculinidades. A organização do instrumento considerou o universo representacional entre o grupo de pertença e o grupo identificado como oposição, considerando que cada grupo estabeleceu a sua própria dinâmica identitária.

Procedimentos de Análise dos Dados

Buscando coerência entre os pressupostos teórico/metodológicos partiu-se para a elaboração de um plano geral de análise e tratamento dos dados.

Utilizou-se o *software* ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte*) na tentativa de compreender os atuais processos identitários masculinos, a partir dos relatos dos sujeitos. Através de um banco de dados composto pelas narrativas dos sujeitos, o ALCESTE realiza o tratamento analítico do *corpus* disponibilizado, fragmentando-o em Unidades de Contexto Elementares (UCE), a partir dos critérios de pontuação e tamanho do texto (Martins 2002; Menandro, 2004; Ribeiro, 2005). Uma vez fragmentadas, as UCE são organizadas segundo a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), gerando um dendrograma (posicionamento das classes em forma de árvore) que apresenta a análise estatística processada, com frequência das palavras representativas em cada classe a partir do qui-quadrado, força de ligação entre as classes e porcentagem de cada classe em meio ao *corpus* analisado.

No processamento das informações que coletamos, construímos três *corpora* de dados para análise do ALCESTE, usando as 15 entrevistas. Desta forma, submetemos separadamente ao *software* ALCESTE o *corpus* referente aos homens tradicionais, o *corpus* relativo aos homens metrossexuais e o *corpus* relativo aos homens homossexuais, tendo sido gerados três dendrogramas referentes aos grupos analisados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados são apresentados a seguir de acordo com os recursos metodológicos que utilizamos na análise dos dados obtidos. Trazemos inicialmente os resultados gerados pelo *software* ALCESTE, segundo cada um dos grupos pesquisados (homens tradicionais, homens metrossexuais e homens homossexuais), e, posteriormente, a discussão através da articulação entre os três grupos.

Análise dos resultados segundo o software ALCESTE

* Grupo de homens tradicionais

O software ALCESTE registrou 186 UCE, analisando 87,73% do corpus das 5 entrevistas do grupo tradicional. Observamos uma disposição dos dados em dois eixos distintos, contendo duas classes em cada um deles. O primeiro eixo gerado pelo software apresentou uma forte ligação entre as **Classes 1 e 2** ($R=0,75$), concentrando 33,87% do corpus processado. Enquanto o segundo eixo apresenta uma ligação mais fraca entre as **Classes 2 e 3** ($R=0,42$), concentrando 66,13%.

[Inserir Figura 1]

O primeiro eixo, “**Dinâmica dos papéis sociais: legítimos e não-legítimos**”, traz as classes que concentram falas referentes à discussão dos papéis sociais de gênero considerados legítimos (homem e mulher) e não-legítimos (homossexuais) na opinião desses sujeitos.

A **Classe 1** apresenta o discurso dos entrevistados no que se refere à descrição dos papéis masculinos e femininos. O “ser homem” diz respeito às qualidades morais, tais como a honra, a honestidade, a responsabilidade, o respeito, o caráter e a liderança: *“acho que ser homem, é respeitar os outros e ter o respeito deles também. É ter caráter, força, virtude, amizade, companheirismo.”* Algumas falas dessa classe constataam uma mudança nos papéis sociais, porém o homem ainda é representado pelo papel de provedor e o cabeça da família na maioria dos trechos: *“Ser homem é ter força, a questão do trabalho, o gerir a família, prover para a família”*. Em grande parte das narrativas, a família é colocada como representação obrigatória para a completude desse homem. A mulher, por sua vez, é representada seguindo o mesmo padrão tradicional, sendo descrita como cuidadora, delicada e mãe. O “ser mulher” está portanto, também intimamente ligado à família e aos filhos: *“Ser mulher pra mim é ser a auxiliadora da família, ajudar o homem a crescer, prosperar ali junto; aquela que vai trazer felicidade para o homem, eu acho que a mulher é aquela delicada, é aquela pessoa emotiva, aquela que leva amor à família, com seu jeito de mãe”*. O papel de mãe aparece em todos os trechos dessa classe que se referem à mulher, demonstrando a importância da maternidade e da família na representação da feminilidade para esse grupo. Aparentemente, para esses entrevistados, ainda que a mulher seja descrita como independente e profissional, as conquistas realizadas por elas, têm por objetivo auxiliar o marido e a família. A mulher parece não ter necessidades ou conquistas individuais, e não é vista como independente, sinalizando que o papel e a importância da mulher parece não existirem para além dos papéis de mãe e esposa.

A **Classe 2** apresenta a dicotomia do masculino e não-masculino, contrastando descrições das características anteriormente apresentadas como do homem (principalmente a força física), com descrições do homossexual ligadas ao feminino, apresentando-o como o NÃO-homem. São considerados não-homens seja por não apresentarem características tidas como obrigatórias aos homens, seja por terem características tidas como exclusivas das mulheres. Na maioria das falas, os homossexuais são descritos como apresentando os traços femininos. Talvez numa tentativa de maior distanciamento, os trechos trazem em seu conteúdo uma impossibilidade de o homossexual ser visto como um “homem de verdade. A homossexualidade é também apresentada como fora do padrão “normal” associado às patologias: *“é uma doença, um distúrbio, do qual a pessoa nasce com ele e desenvolve com*

o passar do tempo, às vezes mais, às vezes menos... Às vezes consegue controlar, e até mesmo extinguir”.

O segundo eixo gerado pelo ALCESTE **Masculinidade em conflito**”, representado pelas **Classes 3 e 4**, apresenta conteúdos referentes à masculinidade em crise, levantando discussões acerca da mudança de papéis na sociedade e a crescente flexibilização do papel masculino. É um eixo que concentra mais da metade das UCE geradas, demonstrando uma forte preocupação em relação aos conflitos e mudanças dos atuais papéis de gênero.

A **Classe 3** revela as ambigüidades provocadas pelo encontro entre as representações tradicionais e a necessidade dos homens exercerem práticas cotidianas até então associadas à esfera feminina. As classificações até então fechadas e tradicionais abrem espaço para uma posição mais flexível. Aparentemente, esse paradoxo sinaliza uma possível flexibilização dos papéis nas práticas dos entrevistados: *“eu não vou falar que lavar vasilha não é coisa de homem, porque eu lavo. Então não é isso. Não sei. Até camisa cor de rosa eu já to usando, apesar de que eu falo que é goiaba né?”*. Essa mesma ambigüidade é apresentada em conteúdos que trazem a questão da homossexualidade, também de forma mais flexibilizada, demonstrando respeito e/ou indiferença: *“eu não tenho nada contra (os homossexuais), tenho vários amigos no lado artístico, na universidade tem os montes, né? Meu tratamento com eles é o mesmo que tenho com você, mas eu acho que alguns querem ou optam por isso, que viva dessa forma e seja feliz, entendeu?”*.

A quarta e última classe gerada pelo ALCESTE discute as mudanças observadas nas práticas desses indivíduos a respeito dos papéis de gênero. Há uma comparação dos papéis de gênero de “ontem” e “hoje”, numa constatação das mudanças ocorridas na sociedade e em sua própria família e história. Apesar da mudança nos papéis de gênero ser apresentada como ligada diretamente à busca de espaço na sociedade e na família pela mulher, o homem não parece sentir que tem um papel ativo nessas modificações. Essa mudança é percebida pelos entrevistados, ora como normal, ora como algo que se dá de forma obrigatória. De uma forma ou de outra, as práticas desses homens se mostram um pouco mais igualitária - *“igual aqui em casa, eu trabalho, minha mulher trabalha; já me formei, ela vai se formar; então a gente tá no mesmo nível de responsabilidade. Não tem essa divisão muita clara mais como era antigamente, onde o homem saia para o trabalho e a mulher ficava em casa cuidando dos filhos”* - o que nos sugere que uma possível mudança nas representações de masculinidade e feminilidade está em curso, acompanhando as mudanças nos papéis sociais já experimentadas na realidade cotidiana.

* *Grupo de homens metrossexuais*

Das 5 UCI do grupo de homens *metrossexuais*, o *software* ALCESTE registrou 154 UCE, tendo sido analisado 77% do *corpus*. Tivemos uma divisão em dois eixos distintos, um deles contendo duas classes e outro contendo três classes. A análise do material do grupo *metrossexual* permitiu a disposição dessas classes em função dos papéis sociais masculinos e femininos e das formas de masculinidades. O eixo **“Masculinidades”** contempla ainda as práticas consideradas masculinas. A **Figura 1** apresenta tal configuração e a força de ligação entre as classes sugeridas pelo *software*.

[Inserir figura 2]

No primeiro eixo observamos a existência de uma forte ligação entre as **Classes 1 e 5** ($R=0,56$) e no segundo eixo entre as **Classes 2, 3 e 4** ($r=0,42$). Comparando o índice de ligação entre as classes que compõem o eixo dos papéis sociais com o eixo das masculinidades, podemos identificar maior força de relação no primeiro eixo ($r=0,56$), enquanto a força de ligação para o discurso das masculinidades é menor ($r=0,42$).

O eixo **“Papéis sociais masculinos e femininos”** concentra 44,81% do corpus analisado e corresponde ao discurso referente aos papéis sociais exercidos por homens e mulheres na sociedade. Na **Classe 1** encontramos conteúdos relacionados à avaliação dos papéis sociais masculinos e femininos. Nesta classe surgem informações que dizem respeito às formas dos homens e mulheres exercerem seus papéis, demarcando características específicas, mas entendendo que ambos podem alternar entre os papéis que seriam “tipicamente” masculinos ou femininos. Os entrevistados flexibilizam a caracterização do que seja “coisa de homem” e “coisa de mulher”, não apresentando papéis unicamente masculinos ou femininos: *“Eu acho que cozinhar é coisa de homem e de mulher, jogar bola é coisa de mulher, qualquer esporte é de mulher. Na família eu acho que ele cumpre um papel provedor, mas que a mulher hoje também tem avançado em diversas famílias, eu acho que ele cumpre um papel também de cobrança maior dos filhos”*.

A **Classe 5** explicita o lugar onde os papéis masculinos e femininos são exercidos na sociedade, ou seja, aqui surgem questões sobre a vivência prática, como é o dia-a-dia dos homens e mulheres, a forma como eles executam suas tarefas mediante as mudanças que estão ocorrendo nos seus papéis. A ligação entre as **Classes 1 e 5** se justifica à medida que a primeira expõe de forma mais geral, ela avalia os papéis diante do antes e depois, enquanto que a **Classe 5** já demonstra a forma como os participantes vivenciam atualmente essas mudanças, e mostram o cenário em que vivem: *“Na sociedade, a mulher hoje também tem um papel tão importante quanto o homem, ela está incrivelmente dando conta de responsabilidade que há um tempo atrás eram exclusivas do homem, eu acho que toda essa mudança na estrutura da sociedade e da família só tem a fortalecer ainda mais as relações entre homem e mulher, já a igualdade agora é também de responsabilidade e não somente de direito, pra mim, as coisas estão por aí”*.

O Eixo **Masculinidades/Práticas** reúne conteúdos que contemplam as várias formas de masculinidades, passando pela questão das práticas.

As idéias centrais presentes na **Classe 2** correspondem às características que diferenciam o que é “ser heterossexual” e “ser homossexual”. Aqui os participantes expressam que o fator que diferencia o homo do hetero é a preferência sexual, mas deixam claro que os papéis na sociedade são iguais para ambos e que os direitos e deveres não são modificados por causa da preferência sexual. Um outro fator bastante comentado é a questão da sensibilidade, os participantes têm os homossexuais como pessoas mais sensíveis e frágeis, e portanto com características mais femininas: *“(…) pra falar assim eu não sei, de repente o homossexual leva mais pro lado da fragilidade, pra questão mais de comportamentos feminino como a questão de colocar-se frágil mesmo diante de um medo, um perigo”*.

A **Classe 3** focaliza as **“masculinidades em movimento”**, as várias formas de exercer as masculinidades existentes na sociedade atual, as práticas e representações acerca do homem moderno. Aqui se percebe que o modelo

hegemônico de homem é atenuado pela realidade múltipla; é como se em vez de homem e mulher, existissem homens e mulheres, cada um com suas peculiaridades e formas diversas de executar sua masculinidade e feminilidade: *“Por quem foi criado, então existe varias formas, então eu poderia dizer que o homossexual também exerce sua masculinidade? Exerce, talvez de uma outra forma, quando ele vai pro pub, ou pra outro lugar ou pra uma festa que ele conquista outro homem, ele tá exercendo a masculinidade dele de uma outra forma”*. Um tema muito enfatizado com relação às formas de masculinidade está relacionado à socialização dos homens; ou seja, dependendo da inserção do homem em seu contexto, do grau de instrução, ele terá um comportamento e um perfil diferenciados: *“Eu acho que é uma questão que perpassa por vários fatores, como você foi criado, o relacionamento que você viu dentro da sua casa porque eu acho que algumas pessoas vão respeitar isso naturalmente, porque acreditam e outros vão respeitar por lei”*.

Na **Classe 4** encontramos os elementos que traduzem como esse grupo entende a questão da masculinidade, sendo encarada de forma flexível sem que haja delimitações rígidas nos papéis do homem na sociedade. Aqui eles tratam a questão da vaidade, da aparência e sensibilidade de homens e mulheres como sendo algo compartilhado, algo que pode ser tanto do masculino quanto do feminino: *“Até pra conquistar ou pra manter um parceiro, pra você se sentir bem com você mesmo, você acordar, olha no espelho e ver que você esta legal. Nós somos heterossexuais que cuidam da aparência e somos afetivos, carinhosos, sérios, levamos as coisas a sério”*.

As **Classes 3 e 4** têm uma ligação com relação às práticas dos entrevistados no exercício de suas masculinidades. Partindo de uma nova conceituação do que é ser homem, eles mudaram o comportamento e a forma de pensar os papéis femininos e masculinos, sem que isso os torne menos homens, falam também das práticas que antes eram consideradas tipicamente femininas ou masculinas, e que hoje são compartilhadas por ambos os sexos - *“Eu diria que eu sou um heterossexual e sou vaidoso, que me cuido, me preocupo em ter uma boa aparência, me preocupo em viver valores que eu acredito, que são coisas que eu falei que são características do homem”*; *“...eu se tiver que varrer, varro, passar pano, passo e tirar poeira, eu tiro sem problema, isso não me faz menos homem, muito pelo contrário”*.

* Grupo de homens homossexuais

Do *corpus* referente ao grupo de homens homossexuais o ALCESTE registrou 305 UCE, tendo sido analisado o total 76,06% de todo o material processado pelo programa (05 UCI). Os resultados estão organizados em dois eixos distintos, um deles contendo duas classes, conforme sugerido pelo *software*. Na **Figura 3** podemos conferir tal disposição e a força de ligação entre as classes. A **Classe 1** concentra 65,58% do material analisado, a **Classe 2** agrupa 11,80% e a **Classe 3** reúne 22,62% do *corpus* processado.

[Inserir Figura 3]

A idéia central presente na **Classe 1** é a discussão entre os papéis de gênero prescritos e os concretamente vividos, em relação às mulheres e aos homens, tanto hetero quanto homossexuais. A família é destacada como o principal cenário em que estas diferenças são sublinhadas, uma vez que a instituição familiar assume a função, historicamente construída, de formadora e reguladora dos indivíduos em suas identidades de gênero (Siqueira, 1997).

Ser esposa, mãe, responsável, harmoniosa, são elementos importantes ressaltados no papel feminino, enquanto o masculino é associado aos valores de uma boa convivência e da amizade. É interessante destacar que o grupo homossexual também traz a identidade masculina vinculada à paternidade e ao casamento heterossexual, reproduzindo a função tradicional da masculinidade de manutenção da família nuclear - *“o papel do homem na família, ele é exemplo, por ele ser exemplo, ele se torna também um educador, e um papel de ser responsável, pai e amigo, tanto de filhos, esposa, ele tem que ser marido, ele tem que ser amigo, ele tem que ser ouvinte”*.

O homossexual, no contexto familiar, aparece ligado ao conflito dos indivíduos desse grupo, por não partilharem dos papéis de gênero socialmente prescritos, sendo apontada como alternativa a saída de casa. Os que buscam a visibilidade ou a identificação social da homossexualidade são mal vistos por esse grupo, que interpreta tal atitude como exposição desnecessária e que poderá trazer prejuízos a sua imagem. Contudo, a militância deverá se fazer presente como instrumento de conquista do respeito a sua forma de vida, embora o grupo não traga essa militância associada aos movimentos sociais, como o GLBTT (*gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros*), mas sim referenciada numa atitude cotidiana dos valores socialmente positivos. Desta forma, mantém-se a conotação moral do “ser homem”, o que também pode lhe conferir crédito caso um dia alguém o identifique como homossexual.

Na **Classe 2** apresenta-se a dinâmica identitária do grupo dos participantes a partir da busca por uma distinção entre “quem são” e “quem não são”. É interessante registrar que a presente classe está fortemente ligada à **Classe 3** ($r=0,66$), formando o eixo “**As masculinidades**”, o que sugere que as identificações e diferenciações identitárias estão altamente referenciadas na preocupação com os modelos feminino e masculino para a construção da identidade de gênero, conforme podemos acompanhar nos resultados a seguir. A distinção inicial que os participantes estabelecem em relação a sua pertença é quanto ao grupo heterossexual. O preconceito enfrentado e a supervalorização do *in-group* estão presentes: *“também em relação ao heterossexual, tem muito preconceito quanto a isso. Piadinhas surgem nos dois grupos. Agora, o grupo homossexual é mais aberto pras coisas que se passam, querem ter a experiência do que está acontecendo”*. Contudo, o preconceito ou, um sentimento de equacionar as perseguições e a imagem socialmente negativa que têm que enfrentar, leva a um preconceito-resposta: *“então, ele acha que eu vou cantar ele, então eu vou me afastar. Se ele é preconceituoso comigo, então, eu também vou ser com ele. Então, tem muito isso daí, um preconceito cruzado. Então, não é só pensar o homossexual é um sofredor. Não! Não! O homossexual também traz o preconceito contra os heterossexuais”*. Apesar de buscarem estratégias para não sofrerem o embate com o preconceito, eles avaliam que existe um movimento de maior aceitação - *“não estarem vendo o homossexual como doença, de não verem mais o homossexual como uma opção. Então, já passam a ver e a respeitar”*. Mas apesar do discurso da luta, do preconceito vivido, internamente ao grupo de homossexuais ainda surge uma importante distinção: os “homossexuais homens” X os “homossexuais afetados”. É interessante que, de fato, parece que o protesto é devido à masculinidade estar “afetada” pelo feminino: *“Entre a gente, o homossexual, a gente discrimina os que são mais afetados, especialmente pelo grupo, poucos se aproximam, até para o grupo não ficar*

muito visualizado como homossexual. Então, tem muito preconceito". O grupo entrevistado se identifica como "homens que gostam de homens" e buscam se relacionar com indivíduos de mesmas características ou mesma masculinidade. A identidade social desses homens é preservada quando se sentem distinguidos dos homossexuais "mais afeminados", o que deverá ser legitimado pelo reconhecimento na esfera pública. Neste nível de diferenciação, os homossexuais se identificam com os heterossexuais tradicionais - "eu diria que os grupos homossexuais, o meu grupo, e os heterossexuais fechados, preconceituoso, e o meu grupo homossexual, do meu tipo, mais discreto, são iguais".

As representações acentuadas na **Classe 3** orientam o discurso acerca do encontro entre o masculino e o feminino, este último apresenta-se como referencial para guiar as reflexões acerca das mudanças na masculinidade. Mas, afinal, de que masculinidade eles falam? O grupo enfatiza a liberdade de poderem viver as próprias escolhas - *"A questão mesmo do querer ser e do poder ser. Vai lá e resolve. Eu acho que desarticular essa estrutura que a gente tem. Machista. Ser um homem feminino? Exatamente isso que eu penso, ser um homem feminino".* Ser um homem feminino, mas, paradoxalmente, o grupo manifestou o preconceito contra "os afetados" ou "os mais afeminados" - *"tanto que quando você vê alguém que tem um movimento mais leve no corpo, você fala é homossexual. Então, você tem esses padrões".* Falam do conflito e de assumirem uma masculinidade como atitude. Falam de uma postura masculina, na qual possam ter valores geralmente atribuídos às mulheres, como a sensibilidade, desde que não sejam identificados publicamente como homossexuais - *"sensibilidade, que busca sensibilidade, que resolve as questões mas que é sensível as questões que estão sendo resolvidas e solucionadas".*

Nos rastros da masculinidade: comparação entre os grupos empíricos

A análise conjunta entre os três grupos empíricos nos revela interessantes pontos de discussão a partir da dinâmica de identificação entre o feminino e o masculino, bem como do jogo ideológico que produz o processo identitário masculino alicerçado em valores sociais historicamente estabelecidos.

* A masculinidade hegemônica *versus* as masculinidades

O conflito entre o modelo hegemônico e as práticas masculinas efetivamente vividas, está presente em todos os grupos. Esse modelo pode ser observado nas narrativas apresentadas principalmente através da concepção de "ser homem", que se caracteriza pelos valores morais, como por exemplo, a honestidade, a responsabilidade, a sinceridade e o caráter.

É ser uma pessoa honesta, cumpridora dos seus compromissos, responsável, um bom pai de família. É ter caráter, saber respeitar as pessoas, isso é que faz uma pessoa ser homem. (Tales, 25 anos).

Acho que ser homem é ter uma série de responsabilidades, não vou falar se mais ou menos do que a mulher, mas são responsabilidades diferentes, eu acho que existem responsabilidades não exclusivamente masculinas, mas tipicamente masculinas entendeu? Por exemplo, prover uma casa, não que a mulher não possa, mas eu acho que é fundamental o homem ter esse papel, ser provedor de uma casa, responsabilidades, eu acho que isso está relacionado a muitas outras características como por exemplo, força, entende, que é um pouco diferente da

mulher, então são uma série de características que dão uma certa identidade ao ser masculino. (Moisés, 25 anos).

a minha opinião ser homem é como uma pessoa qualquer, tem que ter caráter, ser honesto, ter integridade, ser uma pessoa íntegra, acho que masculinidade... machismo, não influencia ser homem, não significa ser machista ou... sei lá. Eu acho que ser homem é ter caráter, é ser digno do que faz, do que fala, ter sinceridade no que pensa, atitude, responsabilidade, eu acredito nisso. (Horácio, 27 anos).

Esse modelo prescrito entra em confronto com a realidade de forma diferenciada em cada um dos grupos. Para o grupo de homens tradicionais, o conflito se estabelece pela obrigatoriedade de flexibilização dos papéis de gênero em função das mudanças sofridas também pelo universo feminino. A entrada da mulher no mercado de trabalho apresenta a necessidade de uma negociação de responsabilidades com a casa, os filhos e a própria conjugalidade.

O papel do homem na família não é igual era antigamente, que o homem era o cabeça e tal.... Que provia a família das coisas. Hoje isso tá bem dividido entre homem e mulher, tipo aqui em casa, a minha mulher estuda a noite, então quem tem que ficar em casa tomando conta do meu filho sou eu... Há um tempo atrás isso era inconcebível, mas pra mim é normal. (...) Acho que é normal as coisas que estão acontecendo né? Tem que aceitar.(Tadeu, 36 anos).

O grupo de homens metrossexuais por sua vez traz o conflito de assumir um lugar que representacionalmente está associado ao feminino, como a sensibilidade, a vaidade e a preocupação com a estética. Assumir socialmente tais características significa correr o risco de ser associado ao homem homossexual. Portanto, ao mesmo tempo em que ele tem ganhos pela possibilidade de uma ressignificação positiva do masculino frente ao público feminino – afinal um homem sensível e bem vestido pode fazer muito mais sucesso com as mulheres do que um homem desatento e mal arrumado – ele precisa a todo momento afirmar sua heterossexualidade.

Eu diria que eu sou um heterossexual e sou vaidoso, que me cuido, me preocupo em ter uma boa aparência, me preocupo em viver valores que eu acredito, que são coisas que eu falei que são características do homem, então a questão da vaidade por exemplo que eu faço não só pra me sentir bem comigo mesmo, mas até pra a pessoa que está comigo se sentir bem. (Marcos, 27 anos).

Nos homens homossexuais, o conflito entre o hegemônico e o plural se processa de uma forma muito intensa, considerando a longa história de um estereótipo negativo associado a homossexualidade. Pertencer ao grupo que é entendido como o grande *out-group* da masculinidade, ou seja, o homem que porta a feminilidade na visão da sociedade, que é o não-homem, traz em si o grande conflito, como podemos perceber no relato a seguir:

Então, por mais que seja apegado às tradições por parte dos homossexuais, eles sofrem muito com isso, você encontra uns muito moralistas em relação a si mesmo e a própria estrutura social e ao próprio corpo, mas este movimento na vida dele é constante, mesmo que seja às escondidas, mas é constante. O hetero faz um movimento, só que o movimento do hetero, ele é mais hegemônico, ele é mais hegemônico sim porque ele tem um rio pra seguir... enquanto os homossexuais como poços a parte, vão sendo decifrados e

definidos, mas sempre observando o rio, porque precisa dele para formar os poços e tudo mais. (Helder, 25 anos).

* A feminização como contraste

A análise entre os três grupos nos mostra que o movimento de preservar a masculinidade, tomando o feminino como referencial na delimitação entre o *in-group* e *out-group*, é a questão central. Cada grupo localiza *out-groups* diferentes, mas o grupo depositário continua sendo aquele que, de alguma forma, é associado ao feminino, pois a função de identificação de um outro negativado em relação a sua pertença, ainda é a questão mais importante nesse processo de construção identitária masculina.

O grupo de homens tradicionais associam o homossexual ao feminino:

o que é ser homossexual é ter a sua questão fisiológica definida como homem e agir como mulher, estar interessado pelas tarefas femininas, ter seu interesse voltado ao mesmo sexo, e não o sexo oposto... principalmente né? Eles não são interessados no que diz respeito a esporte, a construção civil, por exemplo, A habilidade que eles tem é em atividades exclusiva das mulheres, eles tem muita habilidade com maquiagem, com o cabelo, são muito criativos... (Tarcísio, 35 anos).

Os homens metrossexuais têm o grupo de homossexuais como seu grupo de oposição, contudo os elementos que referenciam essa diferenciação, não são as características ditas femininas, mas a opção sexual, buscando sempre marcar a heterossexualidade x homossexualidade.

Eu acho que a única coisa que não seria de homem seria usar roupas femininas, em termos de atividades eu acho que o homem pode fazer qualquer coisa que as mulheres façam... pra mim coisas que o homem não faz seria tipo assim, cair pro lado do homossexual talvez, você não usar roupas femininas, ter comportamentos femininos, do tipo... ser muito cheio de trejeitos e tal, eu acho que seria mais pra esse lado. (Marcos, 27 anos).

Para os homens homossexuais entrevistados, o seu *out-group* são os também homossexuais, contudo os chamados “afetados”.

Então, são inteligentíssimos e uns por quererem, uns quererem se travestir de mulher, que isso eu não faço, minha postura é de homem. Quando eu falo que homossexual gosta de homem, ele gosta de homem, porque se a gente gostasse de pessoa travesti a gente casava com mulher... Meu grupo de oposição é essas travestidas, essas bichonas, essas monas... “ai biba”. Meu grupo é grupo de homens que você fica em duvida se é ou não é. (Heráclito, 40 anos).

Diante das várias mudanças e da anunciada “crise da masculinidade” (Carabí, 2000; Toneli & Adrião, 2005), poderíamos nos perguntar: será que esses homens questionam a própria masculinidade? A atual flexibilização dos papéis masculinos e femininos que gera uma maior dificuldade de caracterizar “o que é coisa de homem” e “o que é coisa de mulher”, torna a vivência da masculinidade algo difícil e contraditório, afinal, lavar a louça do almoço é coisa de homem ou de mulher? Vestir camisa rosa é coisa de homem ou de mulher? E ganhar menos que a esposa, faz nossos entrevistados se tornarem menos homens? A questão da preservação da identidade masculina e da manutenção

de uma auto-imagem positiva (Tajfel, 1982; 1983) se apresenta, neste sentido, como uma preocupação latente para todos os grupos pesquisados.

De acordo com a Teoria das Identidades Sociais, a preocupação em preservar a própria identidade se dá como processo que faz parte da dinâmica das identidades, uma vez que a constituição identitária de um indivíduo se processa através da discriminação valorativa via estabelecimento da igualdade e diferença. Categorizamos nossa realidade, nos vinculamos a diversos grupos e, num processo de comparação social, estabelecemos nossa identificação *in-group* e nossa diferenciação quanto aos nossos *out-groups* (Tajfel, 1982a;1983). Dessa forma, nos aproximamos de características que julgamos condizentes com nossa identidade – o que forma o *in-group*, (grupo do qual nos sentimos pertencentes e avaliamos positivamente), e buscamos nos afastar das características que se assemelham com a identidade e o grupo que não aceitamos como nossos – formando o *out-group* (grupo que é colocado distante de nós, diferente de nós, com características avaliadas de forma negativa). Em um estudo realizado por Joffe (1995), essa função depositária no “outro” é claramente percebida: a responsabilidade sobre o surgimento da AIDS foi sempre transferida para os grupos estrangeiros, protegendo a imagem do próprio grupo frente a este evento negativo.

No grupo de entrevistados dessa pesquisa, observamos esse processo quando os participantes buscam afastar de seu grupo e de si mesmos, as características tidas como tipicamente femininas. É interessante ressaltar que os entrevistados consideram prejudicial, e por isso afastam de si, não a mulher em si, mas sim o feminino no homem, que quando presentes nos indivíduos masculinos, os tornariam menos homens, conforme discutido por Carabí (2000) e Toneli e Adrião (2005). Essa preocupação dos homens com a associação de sua identidade ao feminino faz sentido quando levamos em conta estudos que reafirmam como ponto relevante da masculinidade latino-americana a “cultura do machismo”, que entende as relações de gênero de forma hierárquica, “estabelecendo relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres” (Parker, apud Alves, 2003, p.430). Portanto, ser associado ao feminino, é ser associado ao passivo e ao menos importante (DaMatta, 1997).

O grupo tradicional se defende desse risco ora afastando de si a imagem do homem homossexual, e fortalecendo a importância da heterossexualidade como característica masculina, ora flexibilizando alguns papéis sociais dentro da família, que em sua concepção tradicional podem ser vistos como femininos. A reafirmação do papel da família para o “homem completo” e com ela, da segurança da heterossexualidade, dos filhos, do papel de provedor da família, afasta desse homem qualquer risco de ser considerado menos homem. A flexibilização dos papéis sociais, por sua vez, aparece como uma necessidade de salvaguardar o masculino, já que comportamentos até então descritos como “coisa de mulher” agora passam a ser também desempenhados pelos homens, como o cuidado com a casa, a atenção à educação dos filhos, o respeito e apoio ao sucesso profissional e educacional da mulher, tornando necessário que o conceito de masculinidade se torne mais fluido, podendo contemplar essa mudança de papéis sem questionar ou colocar em risco esse lugar de Homem.

O grupo de homens metrosssexuais precisa também se defender da imagem feminina ao assumir comportamentos entendidos como femininos no plano tradicional. O cuidado com a aparência, o freqüentar salões de beleza, o

se vestir bem, se apresenta como uma linha tênue entre a masculinidade real e a suspeita. Numa tentativa de reafirmar sua própria masculinidade e se resguardar da associação com o feminino, apresentam uma maior flexibilização dos papéis de gênero, e defendem comportamentos como a sensibilidade, o cuidado com a aparência, a gentileza no lugar da brutalidade como vantagens no terreno da conquista das mulheres, afirmando então sua heterossexualidade acima de qualquer suspeita; logo, são “homens de verdade”. Trazem como o *out-group* de sua identidade masculina não o “homem-tradicional”, mas a homossexualidade.

O grupo de homens homossexuais nos traz, segundo esse modelo hegemônico, o maior risco de ser associado à questão feminina, por consequência de sua opção sexual. Mesmo fazendo parte de um grupo que já vivencia o preconceito na pele, também segue a mesma lógica identitária de construção de um “outro” desvalorizado, desqualificando indivíduos que compõem seu próprio grupo homossexual, por apresentarem características femininas, os chamados afetados. Intitulam-se “homens que gostam de homens”, reafirmando o modelo hegemônico e se afastando do risco de identificação com o feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo empírico investigado nos permitiu discutir a produção do discurso hegemônico acerca da masculinidade - independente da escolha sexual ou da realidade mais ou menos tradicional - sustentada no homem heterossexual, provedor e pai de família (Silveira, 1997; Trindade, 1999). Mesmo considerando as variações observadas na conceituação e vivência da masculinidade entre os grupos pesquisados, os resultados em comum nos levam a discutir o processo de formação desses conceitos e práticas, fortemente alicerçados na história e contexto sócio-cultural nos quais esses indivíduos estão inseridos, pois, como nos sugere Luria (1985), a construção do homem “se forma por via da assimilação da experiência do gênero humano, acumulada no processo da história social e que se transmite no processo de ensino” (p.100).

Dessa forma, mesmo os indivíduos que assumem opiniões ou vivências distintas do padrão hegemônico, ainda se pautam nesse modelo de masculinidade para a construção de suas próprias identidades. Como nos esclarece Ciampa (2001), “é a estrutura social mais ampla que oferece os padrões de identidade” (p.169), o que efetivamente é concretizado através dos processos de socialização disponíveis aos indivíduos via instituição familiar, escolar, religiosa, ou seja, dos diversos grupos que pertencemos. Observamos tais construções através das narrativas dos homens tradicionais entrevistados, que já vivem a flexibilização dos papéis de gênero em suas famílias, com esposas que trabalham fora de casa; ou no caso dos homens metrossexuais que assumem comportamentos de cuidado com o corpo e aparência; ou ainda com os homens homossexuais que adotam expressões da sexualidade diversa do padrão dominante, e que ainda assim estão ligados ao modelo hegemônico em suas práticas e/ou conceitos. Essa ambigüidade expressa o conflito acerca de sua própria identidade masculina e a busca de conservar sua auto imagem de “homem” intacta.

Todos os entrevistados falam do conflito vivido e da mudança dos papéis sociais de gênero. Essa mudança é ocasionada por inúmeras situações, das

quais podemos nomear: a entrada da mulher no mercado de trabalho; as modificações econômicas, que torna cada vez mais necessária a incrementação da renda da família para a manutenção da casa; um maior acesso a informação e educação, facilitando um aumento do nível escolar das mulheres. Esse novo contexto no qual se amparam as relações entre mulheres e homens apresentam à vida cotidiana destes últimos a necessidade de transformação de representações e comportamentos.

Os resultados encontrados através da análise do ALCESTE reafirmam as discussões apontadas na literatura de gênero acerca da “crise da masculinidade” e das transformações das práticas e significados do masculino (Carabí, 2000; Toneli & Adrião, 2005; Kimmel, 1997, 1998). Os grupos empíricos também exemplificam a dinâmica da teoria das Identidades Sociais, não só confirmando seus conceitos elementares, mas principalmente reafirmando que os processos identitários estão em constante construção e movimento, modificando e sendo modificados pela realidade vivenciada pelos indivíduos.

As discussões sobre os processos identitários vinculados às masculinidades não se esgotam nas análises aqui realizadas. A complexidade que envolve a temática e a sua construção na realidade cotidiana dos indivíduos demanda a realização de novos estudos, que complementem e avancem em relação às reflexões possíveis a este trabalho.

Destacamos que seria relevante pesquisar as formas de construção da masculinidade no chamado grupo dos homossexuais “afetados” - que são nomeados nessa pesquisa como *outgroup* dos homens homossexuais. Da mesma forma, seguindo os passos de pesquisas que têm estudado a relevância da socialização para a construção da masculinidade, faz-se mister conhecer os indivíduos que são socializados em um contexto que impõe valores e modelos incompatíveis com a vivência da sua identidade sexual. As concepções hegemônicas de masculinidade presentes nas narrativas dos indivíduos homossexuais, por exemplo, demonstraram a valorização de um modelo do que é “ser homem” alicerçado no casamento heterossexual e no conseqüente exercício da paternidade biológica, o que acaba por excluir esses próprios indivíduos como representantes de um modelo de masculinidade que eles valorizam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, M.F.P. (2003). Sexualidade e prevenção de DST/AIDS: representações sociais de homens rurais de um município da zona da mata pernambucana, Brasil. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 19 (sup. 2), pp. 429 – 439.

Alvim, S. & Souza, L. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. **Psicologia: Teoria e Prática**, 7 (2), 171-206.

Astúrias, L E. (1997). Construcción de la masculinidade y relaciones de genero. **Fórum sobre Igualdade e Justiça Social**, Cidade de Guatemala.

Beauvoir, S. (1949). **O Segundo Sexo – 1. Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Carabí, A. (2000). Construindo novas masculinidades – uma introdução. Em M. Segarra y A. Carabí (Eds.). **Nuevas masculinidades**. (pp. 15-27).

Carrigan, T.; Connell, R.W.; & Lee, J. (1987). Hard and heavy: Toward a new sociology of masculinity. Em M. Kaufman (Ed.). **Beyond patriarchy: essays by men on pleasure, power, and change**. Oxford University Press, Toronto-Nova York.

Ciampa, A. C. (2001). **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Editora Brasiliense.

DaMatta, R. (1997). Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. Em D. Caldas (Org.), **Homens**. São Paulo: editora Senac, pp. 31-49.

Doise, W., Deschamps, J. & Mugny G. (1980). **Psicologia social experimental**. Lisboa: Moraes Editores.

Hogg, M. A.; Abrams, D.; Otten, S. & Hinkle, S. (2004). The social identity perspective: intergroup relations, self-conception, and small groups. **Small Group Research**, 35 (03), 246-276.

Joffe, H. (1995). Eu não, o meu grupo não – representações sociais transculturais da aids. Em P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), **Textos em representações sociais**. (pp. 297-322). Rio de Janeiro: Vozes.

Kimmel, M.S. & Messner, M.A. (1997). **Men's lives**. 4 ed. Boston: Allyn and Bacon.

Kimmel, M.S. (1998). El desarrollo (de género) del subdesarrollo (de género): la producción simultánea de masculinidades hegemónicas y dependientes en Europa y Estados Unidos. Em T. Valdés & J. Olavarría (Eds.). **Masculinidades y Equidad de Género en América Latina**. (pp. 207-217). Santiago de Chile: FLACSO-Chile.

Luria, A.R. (1985). **Introducción evolucionista a la psicología**. Barcelona: Martinez Roca.

Martins, P. O. (2002). **As expectativas do ter e o fracasso do ser: representações sociais de adolescência e suicídio entre adolescentes**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

Menandro, M. C. S. (2004). **Gente jovem reunida: um estudo de representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968/1974 e 1996/2002)**. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

Minayo, M.C.S. (1996). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes.

Mosse, G. L. (1996). **The image of man - the creation of modern masculinity**. Oxford/New York: Oxford University Press.

Nascimento, P.F.G. (2000). Gênero e pobreza: o lugar dos homens em famílias de baixa renda. **XXIV Encontro Anual da ANPOCS**, Petrópolis, Rio de Janeiro.

Oliveira, P. P. (2004). **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.

Oliveira, E. M.; Lima, F.M.; Costa, K.C.D; Iancoski, N.T.; Netto, N.S.P & Martins, R.M. (2005). As masculinidades do homem que dança: um ensaio sobre a constituição da identidade sexual de bailarinos. **Simpósio Brasileiro Gênero e Mídia**. Curitiba: GETEC/PPGTE/CEFETPR.

Ribeiro, M. A. S. (2005). **Os homossexuais em busca de visibilidade social**. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

Saffioti, H. I. B. (1987). **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna.

Siqueira, M.J.T. (1997). A Constituição da Identidade Masculina: Alguns Pontos para Discussão. **Psicol. USP.**, São Paulo, 8 (1), 113-130.

Tajfel, H. (1982a). **Grupos humanos e categorias sociais I**. Lisboa: Livros Horizonte.

Tajfel, H. (1982b). Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança. Em A.F. Barroso; B.M. Silva; J. Vala; B.M. Monteiro & M.H. Castro (Orgs.). **Mudança social e psicologia social**. (pp. 13-24). Lisboa: Livros horizonte.

Tajfel, H. (1983). **Grupos humanos e categorias sociais II**. Lisboa: Livros Horizonte.

Toneli, M. J. F. & Adrião K. G. (2005). Sexualidades masculinas – perspectivas teórico-metodológicas. Em M.P. Grossi; S. Becker; J.C. M. Losso; R. M. Porto & R. C. F Muller. (Orgs.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. (pp. 93-106). Rio de Janeiro: Garamond.

Trindade, Z. A. & Nascimento, A. R. A. (2004). O homossexual e a homofobia na construção da masculinidade hegemônica. Em L. Souza; Z. A. Trindade. (Orgs.). **Violência e exclusão – convivendo com paradoxos**. (pp. 146-162). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Trindade, Z. A. (1999). Concepções arcaicas de maternidade e paternidade e seus reflexos na prática profissional. **Interfaces**, 2(1), 33-40.

Turner, J. C. (1984). Social identification and psychological group formation. Em The role of similarity in intergroup relations. Em H. Tajfel (Ed.), **The social dimension**. (pp. 518-538). London: Cambridge University Press.

Welzer-lang, L. (2001). A construção do masculino – dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, 9 (2), 460-482.

Whitehead, S. M. (2002). **Men and masculinities** – key themes and new directions. Cambridge: Polity Press.

Tabela 1: Caracterização dos Participantes

	Nome fictício	Idade	Escolaridade	Estado Civil
Tradicionais	Tadeu	36 anos	Superior Completo	Casado
	Tales	25 anos	Pós-graduação Incompleta	Solteiro
	Tobias	24 anos	Superior Incompleto	Solteiro
	Tarcísio	35 anos	Superior Completo	Casado
	Tomaz	32 anos	Pós-graduação Completa	Casado
Metrosexuais	Mateus	24 anos	Pós-graduação Incompleta	Solteiro
	Marcos	27 anos	Pós-graduação Incompleta	Solteiro
	Moisés	25 anos	Superior Completo	Solteiro
	Manuel	25 anos	Superior Completo	Solteiro
	Marcio	26 anos	Superior Completo	Solteiro
Homossexuais	Hamilton	26 anos	Superior Completo	Solteiro
	Helder	25 anos	Superior Incompleto	Solteiro
	Heráclito	40 anos	Pós-graduação Completa	Solteiro
	Horácio	27 anos	Superior Completo	Solteiro
	Hilton	38 anos	Ensino Médio e Técnico	Solteiro

DENDROGRAMA DO GRUPO DE HOMENS TRADICIONAIS

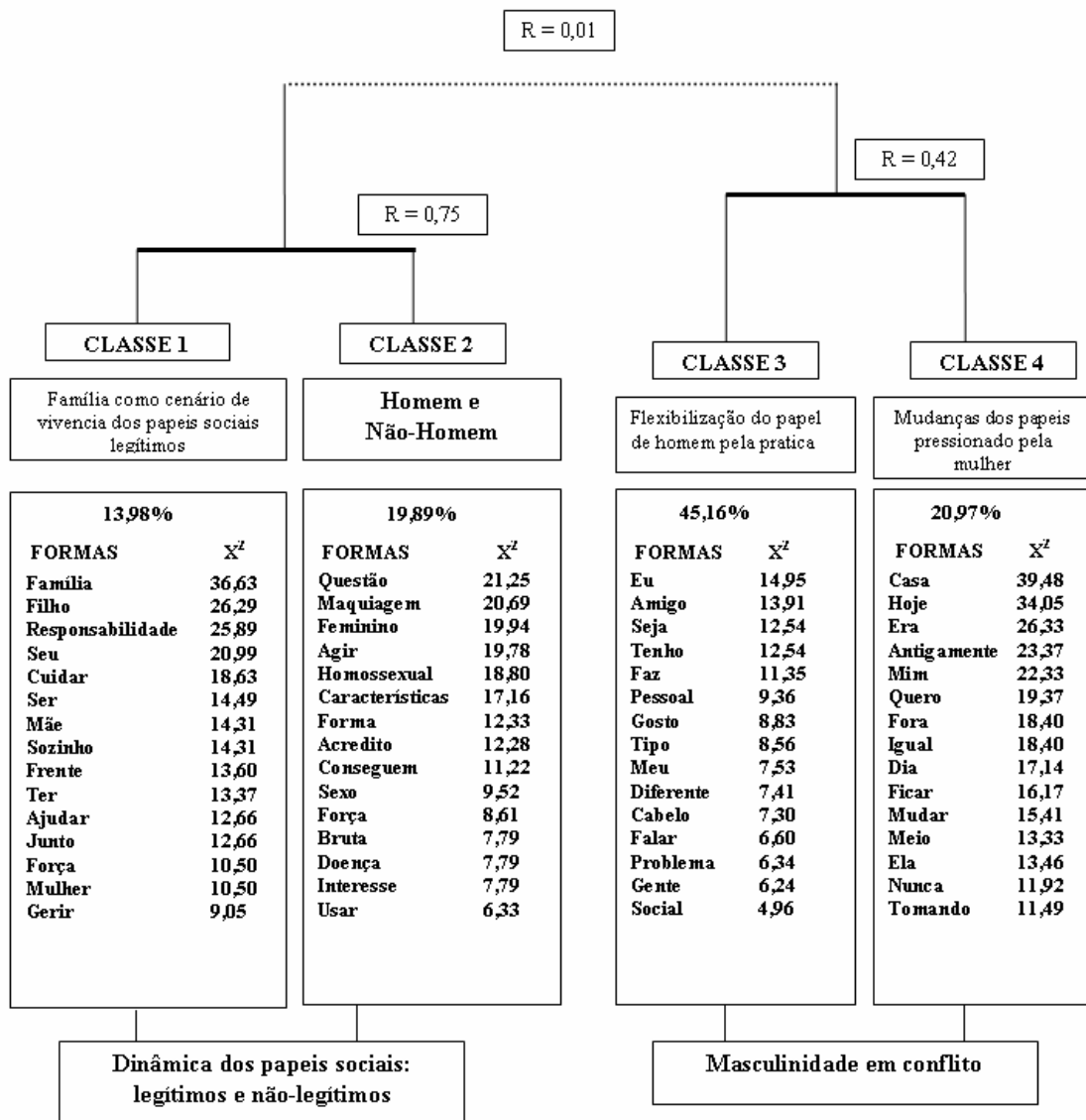


Figura 1: Estrutura do *corpus* das entrevistas com o Grupo de Homens Tradicionais (n =05).

DENDROGRAMA DO GRUPO DE HOMENS METROSSEXUAIS

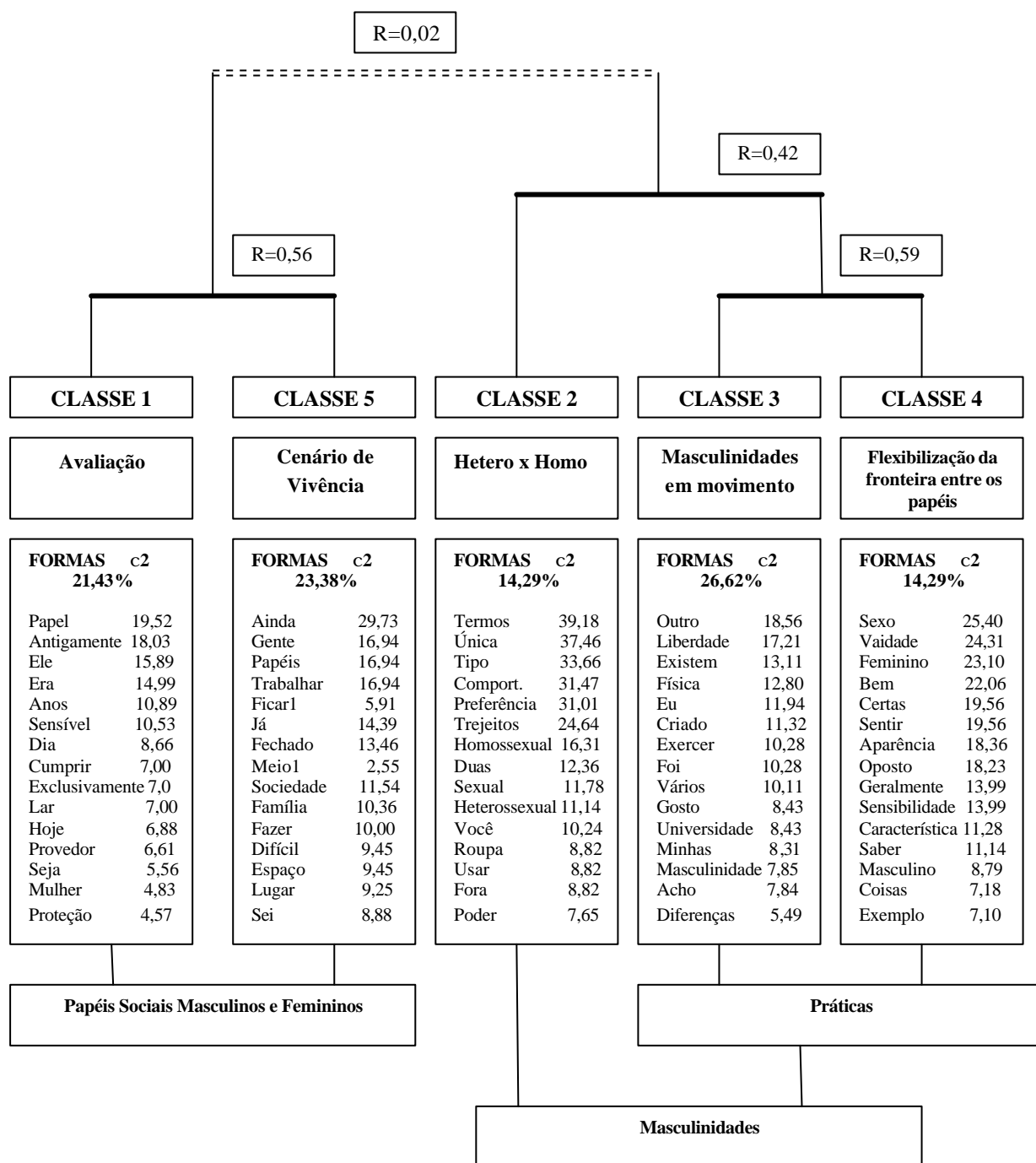


Figura 2: Estrutura do corpus das entrevistas com o Grupo de Homens Metrossexuais (n =05).

DENDROGRAMA DO GRUPO DE HOMENS HOMOSSEXUAIS

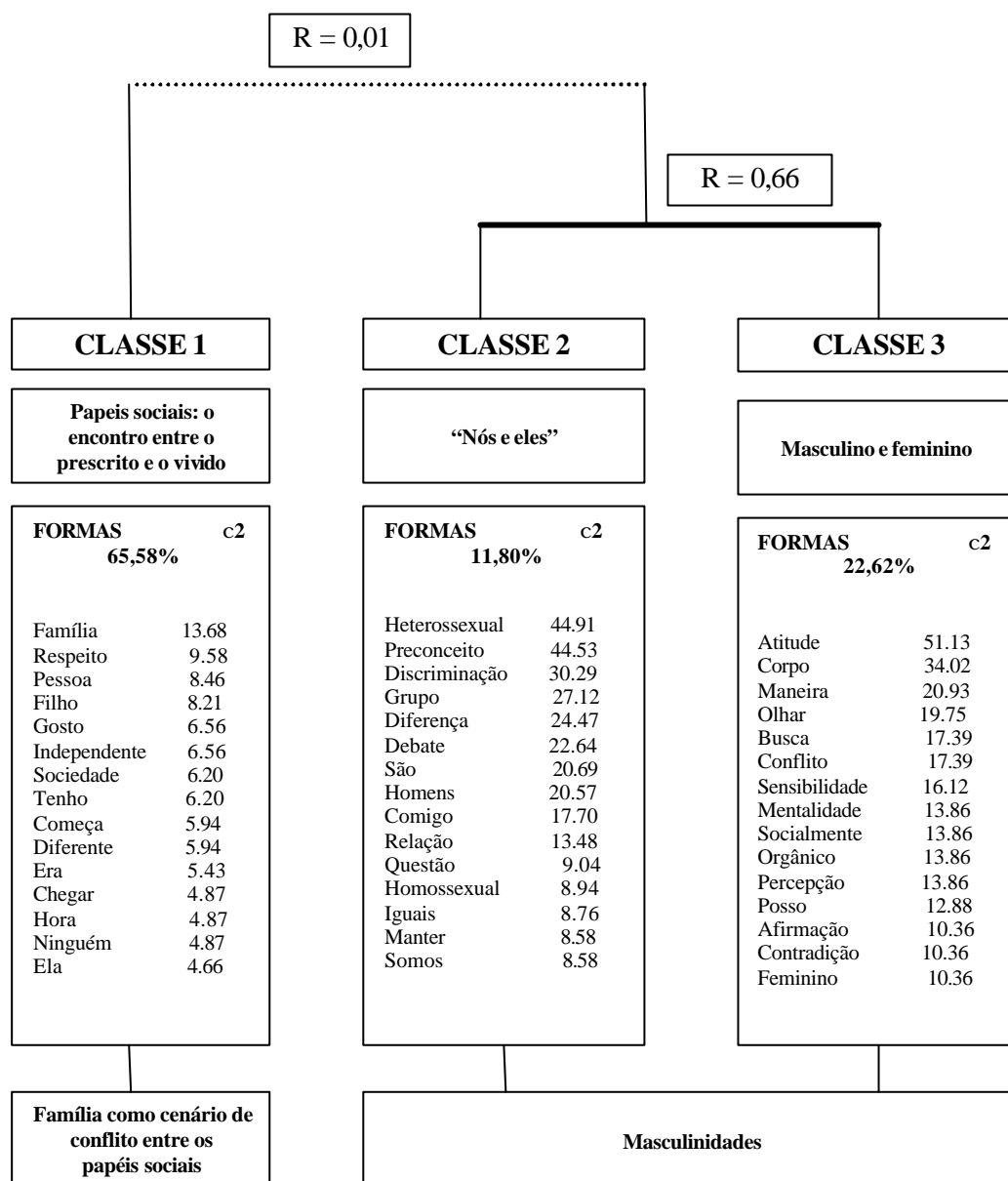


Figura 3 Estrutura do *corpus* das entrevistas com o Grupo de Homens Homossexuais (n =05).